

Cultura Centro de Arte Alberto Carneiro passa a contar com o seu atelier-oficina-



No atelier de Alberto Carneiro, "o jardim vai mudar na próxima primavera"

O centro de arte dedicado ao escultor, em Santo Tirso, conta agora com uma extensão na sua oficina-atelier na freguesia onde nasceu, viveu e trabalhou, São Mamede do Coronado, na Trofa

Sérgio C. Andrade Texto
Manuel Roberto Fotografia

"O jardim está a mudar, o jardim vai mudar na próxima primavera", diria o artista Alberto Carneiro (1937-2017), mas a cor amarela dos edifícios que foram a sua residência e local de criação vai continuar a sobressair por entre a vegetação verde do quintal e dos campos em volta no chamado Vale do Coronado. Foi aqui, na freguesia de São Mamede do Coronado, concelho da Trofa, que nasceu, viveu e trabalhou o escultor que viria a ter um lugar próprio, e único, no contexto da arte contemporânea portuguesa.

Nas traseiras da antiga casa da família, entretanto renovada, Alberto Carneiro edificou, nos anos 1980, o seu atelier-oficina, sob projecto da arquitecta Mercês Vieira, onde viria a pensar, imaginar e produzir a maior parte da sua obra, numa relação vivida em permanente comunhão com a natureza envolvente.

Foi este mesmo edifício que, por iniciativa do filho do escultor, Cláudio, passou agora a ser uma extensão do Centro de Arte Alberto Carneiro (CMC), que tem sede na Fábrica Santo Tirso, no vizinho concelho homónimo, ambos geridos pela autarquia tirsense e pelo seu director do departamento da Cultura, Álvaro Moreira.

A cerimónia a assinalar o novo ciclo do Atelier/Oficina Alberto Carneiro teve lugar a 20 de Setembro, dia em que também se evocava o 89.º aniversário do nascimento do artista. Na ocasião, perante vários convidados, a pianista Joana Gama protagonizou, no jardim da casa, um concerto-per-

formance a que deu um título bem à medida do imaginário de Carneiro, citando uma afirmação sua: *O jardim está a mudar, o jardim vai mudar na próxima primavera*, e musicando os aforismos da sua criação *O Corpo Subtil* (1980-81).

Nessa jornada, Cláudio Carneiro formalizou também a doação ao CAAC de uma obra em bronze, *O voo da criança que nasce* (1965), que vem, assim, acrescentar-se ao acervo que, em 2015, o pai tinha oferecido ao município de Santo Tirso.

Parceria Santo Tirso-Trofa

"O acrescento do atelier-oficina como extensão do Centro de Arte Alberto Carneiro tem um significado especial, porque cria a oportunidade de aqui se poder reviver e estimular a criação artística em volta da sua obra, já que a missão do centro não é só a preservação e a investigação; passa também pelo apoio ao desenvolvimento e à produção artística ligada ao seu horizonte intelectual, criativo e filosófico", diz ao PÚBLICO Álvaro Moreira, numa visita guiada ao novo domicílio em São Mamede do Coronado.

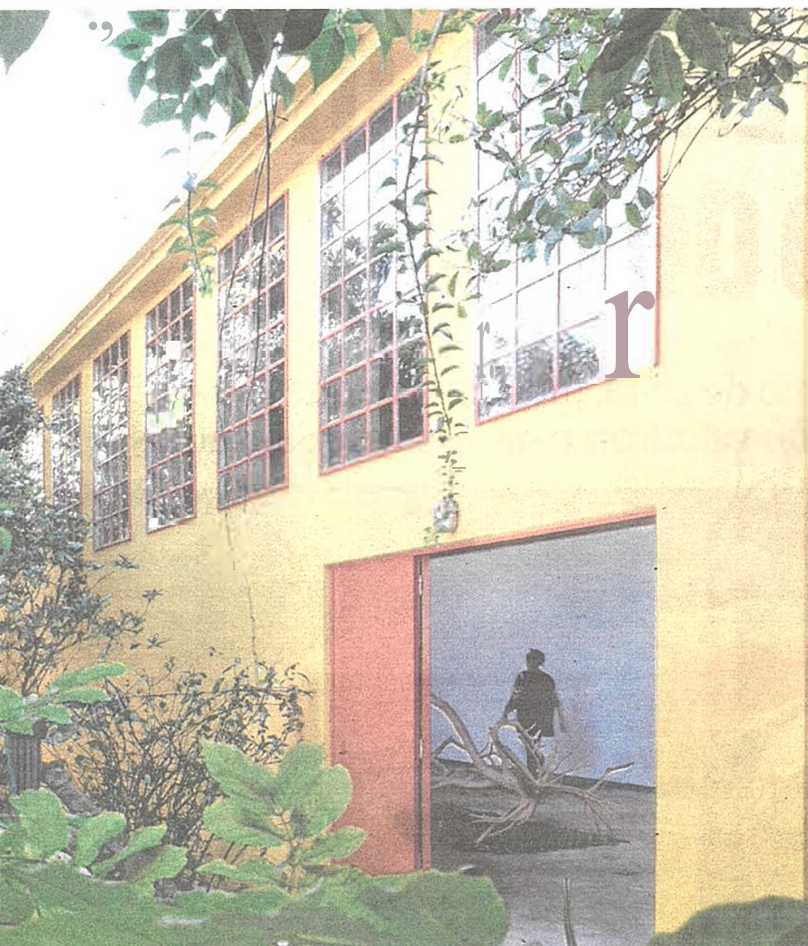
E esse é um programa que, agora, passa pela colaboração das autarquias de Santo Tirso e da Trofa, o que está a acontecer "naturalmente, sem nenhum atropelo", nota o director artístico do CAAC, lembrando que, quando o escultor aqui nasceu, a Trofa pertencia ao concelho tirsense, e que foi neste último que "desenvolveu muita da sua intervenção pública", nomeadamente a criação do Museu Internacional de Escultura Contemporânea (MIEC) e o próprio

Interior do atelier-oficina Alberto Carneiro, construído nos anos 80, com a obra *Metamorfose das laranjeiras*

O acrescento do atelier-oficina "cria a oportunidade de e poder reviver e estimular a criação artística em volta da sua obra", diz Álvaro Moreira

centro de arte. "Fazia assim todo o sentido que o atelier-oficina estivesse associado ao percurso do artista", acrescenta o historiador de arte e arqueologia. Rodeado por um quintal recheado de uma variedade de árvores e arbustos, plantas e flores - marmeleiros e limoeiros, magnólias e camélias, buganvílias e roseiras... -, mas também de peças de granito, aço e cordas manipuladas pelas mãos de Carneiro, o atelier-oficina, um espaço de cerca de 400 metros quadrados com um pé-direito de sete metros, encontra-se ainda esvaziado, apenas pontuado com a exposição de uma peça do escultor, *Metamorfose das Laranjeiras*.

Álvaro Moreira explica que o edifício foi alvo, no último Verão, de uma



intervenção de conservação e restauro, sobretudo no telhado, nas janelas e nas pinturas. Facto que obrigou à retirada do recheio, nomeadamente das bancadas, das ferramentas e das pesadas maquinarias com que Carneiro trabalhava a pedra e a madeira.

No futuro, essas peças irão reocupar os seus lugares, recriando um espaço que, ao mesmo tempo, terá uma faceta museológica, mas estará igualmente "aberto a pequenas exposições temporárias e actividades pedagógicas, como oficinas, *workshops* e ainda residências artísticas", explica o director do CAAC. Para esta última função, o piso superior do atelier, onde Carneiro tinha instalado a sua biblioteca e sala de estar, irá ser transformado em habitação.

Quando entrar em funcionamento efectivo, no início do próximo ano, o Atelier/Oficina Alberto Carneiro usufruirá também do valor acrescentado de se "inserir no local de nascimento e crescimento de Alberto Carneiro, que foi matricial na obra que produziu, e que muito tem a ver com este horizonte agrícola e com esta realidade e geografia do Vale do Coronado, que, de forma mais directa ou indirecta, esteve sempre presente na sua arte", realça Álvaro Moreira.

Além da casa de habitação, que permanece propriedade de Cláudio Carneiro, este lugar que ecoa o imaginário do autor do texto *Notas para um Manifesto de uma Arte Ecológica* (1973) inclui, no terreno contíguo ao atelier-oficina, aquela que foi a sua última grande criação: o "jardim-es-cultura" (1997-2014) com 435 esteios de granito, inaugurado em 2015, que

o director do CAAC vê "como quase um santuário-mausoléu".

Trata-se de "uma viagem no silêncio dos pilares alinhados segundo o pulsar da terra, marcando o ritmo do tempo e erguendo-se como uma força da natureza", assim o descreve o município da Trofa, que se ocupa da sua manutenção e preservação como espaço público.

Arte pública na cidade

A uma curta distância de dezena e meia de quilómetros, no concelho de Santo Tirso, o visitante pode imergir de forma mais intensa na obra de Alberto Carneiro, visitando tanto o centro de arte com o seu nome no quarteirão cultural e criativo da Fábrica Santo Thyrsos, como o amplo parque de arte pública que ele promoveu nas praças e jardins da cidade.

O CAAC foi inaugurado em 2021, acolhendo a doação das dez esculturas e meia centena de desenhos produzidos por Carneiro entre 1965 e 2015, e que podem ver-se em exposição permanente no novo edifício projectado pelo arquitecto Nuno Pinto. A doação incluiu também a biblioteca do escultor, com mais de 7000 títulos. A estes, acrescentou-se agora a escultura *O voo da ciança que nasce*, instalada mesmo à entrada do centro. E também as duas obras de arte pública que, no início dos anos 1990, assinalaram o lançamento do MIEC: *A lua sobre a Terra* e *O Barco, a Lua e a Montanha* (ambas de 1989-90).

O MIEC possui já 57 obras espalhadas pela cidade - sendo a última incorporação a peça em aço corten *Tirsa* (2020), do artista alemão Robert



O jardim-es-cultura no terreno contíguo à residência de Alberto Carneiro é a última grande obra do artista; Álvaro Moreira, director artístico

catálogo *raisonné* já vai a meio

A obra de Alberto Carneiro está a ser objecto de um trabalho de recolha exaustiva pela mão de Catarina Rosendo, historiadora de arte e viúva do escultor. E vai já em dois volumes lançados, num projecto que terá mais dois capítulos. No mês de Setembro, chegou às bancas o 2.º volume desta operação de levantamento e registo da produção do escultor ao longo de seis décadas, sob o tema-título *Edições de Artista e Outros Materiais Impressos*. Aí estão documentadas (e fotografadas) 79 peças produzidas nos materiais, técnicas e linguagens mais diversos, da tipografia ao *stencil*, do offset à serigrafia, além de jornais e revistas, em modo de catálogos, cartazes, convites... Uma diversidade de meios que Alberto Carneiro usou para "divulgar a sua obra e dar continuidade às suas investigações sobre o corpo e a



sua relação com a natureza, os elementos naturais, a paisagem e o vínculo natureza-cultura", explica Catarina Rosendo.

Este volume contém também um texto da curadora e filósofa da natureza Dehli Hannah; o design gráfico é de Márcia Novais e a coordenação editorial de Maria Burmester, numa edição da Culturgest e do Centro de Arte Alberto Carneiro.

O 1.º volume do catálogo *raisonné* saiu já em 2022: *Alberto Carneiro. Obras para o Espaço Público* (edição da Câmara Municipal de Santo Tirso). Documenta 28 obras instaladas, ao longo dos anos, em várias cidades portuguesas, mas também em localidades de Espanha, Eslovénia, Reino Unido, Equador, Coreia do Sul, República da Irlanda, Taiwan, Andorra e Chile.

Os dois volumes a seguir vão abordar, o primeiro, a escultura, a instalação e a fotografia e, o segundo, o desenho, avança Catarina Rosendo, que é também autora do livro *Alberto Carneiro - Os Primeiros Anos, 1963-1975* (edições Colibri, 2007) eco-autora (com Olga Ramos) do documentário *Difficilmente o que habita perto da origem abandona o lugar* (2008). **S.C.A.**

Schad. Pelo caminho, foi pretexto para a realização de dez simpósios internacionais e a construção de um novo museu, com projecto de Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura, inaugurado em 2016.

"Através desta constelação [de peças e obras], podemos aceder ao universo movente, artístico e filosófico, numa estreita relação entre a percepção da natureza e o corpo, que as obras de arte corporificam", pode ler-se no catálogo do CAAC (o centro tem actualmente também patente, até 31 de Janeiro, uma exposição individual de João Baptista, *Do chão para o algoritmo*, a explorar "o diálogo entre memória, matéria e tecnologia").

A natureza sempre ao lado

Desaparecido há quase uma década, que lugar ocupa Alberto Carneiro na paisagem da arte contemporânea portuguesa? Álvaro Moreira assevera que a sua obra, e a sua figura, se mantêm vivas: "Não só pela sua acção pedagógica e pelo que leccionou na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, mas fundamentalmente pelo seu pensamento e pela dimensão filosófica que a sua obra incorpora." E chama a atenção para o vanguardismo do seu texto *Notas para um Manifesto de uma Arte Ecológica*, "um pensamento que norteou toda a sua produção artística, adivinhou os tempos que aí vinham, e defendeu a importância da nossa ligação existencial com a natureza, algo que mantém uma actualidade e pertinência muito significativas".

Falando da sua experiência à frente do CAAC e do MIEC, o historiador e curador diz também que a sua obra continua a ser muito procurada, e investigada. "Temos muitas solicitações de estabelecimentos de ensino superior para informação e acesso à documentação, e também para trabalhos académicos e científicos", nota, acrescentando que elas chegam tanto do país como de fora (Espanha e Inglaterra, por exemplo), além de convites de instituições museológicas estrangeiras para exposições. E cita, a propósito, a apresentação, no ano passado, da obra *Metáforas da água ou as naus a haver por mares nunc da antes navegados* (1993-94) na sede da UNESCO, em Paris, a pretexto dos 500 anos de Camões (depois também exposta na Biblioteca Nacional, em Lisboa), ou a participação, em 2024, com duas peças na feira italiana Artissima, em Turim.

No próximo ano, com inauguração agendada para Junho, o CAAC vai fazer uma exposição monográfica do escultor no Museu do Cão. "Ele teve um papel muito forte na preservação das gravuras rupestres do Vale do Cão e daquele espaço natural, com obras que denotavam um nível de abstracção já bastante significativo, e que são um marco na evolução humana", justifica o director da instituição tirsense.